

RC (Ex)
n. 80
Jan. 1960

n.º 80 (Especial)



uma
só classe
em tôda
a linha

**Poltronas
KASTRUP**

o exibidor

**DESDE
AS MAIS SIMPLES
AS DE MAIS
ALTO LUXO...**



**as poltronas Kastrup
levam conforto e be-
leza aos cinemas e
teatros do Brasil.**

Considere o seu amigo que já fez a experiência, que já comprou Kastrup. Verá que quem compra Kastrup está sempre satisfeito, pois adquire material de qualidade comprovada, garantido por toda a vida.

Use, sem compromisso, nosso departamento técnico especializado em estudos e orçamentos.

**Kastrup oferece
os melhores pla-
nos de pagamento.**

KASTRUP

HÁ MAIS DE 30 ANOS VENDENDO POLTRONAS E FAZENDO AMIGOS POR TODO O BRASIL.



Rio. Av. Franklin Roosevelt, 146-B • S. Paulo: Rua Vitória, 826 • B. Horizont.: Rua Espírito Santo, 225 • Recife: Av. Conde da Boa Vista, 137 - Caruarú: R. do Expedicionário, 22 - Goiânia: Av. Goiás, 55-B - Niterói: Rua José Clemente, 23 - Porto Alegre: Rua Pedro, 949

Exórdia

Não somos dos que seguem o ditado, "amigos, amigos, negócios à parte". Para nós, amigos e negócios, quando nos surgem de braços dados, são amarrados na mesma trouxa. Uma coisa tem tudo que vêr com a outra.

Com esta norma de pensamento e ação, procuramos a firma Kastrup para propôr aos seus dirigentes um negócio de amizade. Aqui e lá, lemos pela mesma cartilha. O entendimento seria, como o foi, imediato e espontâneo.

Editariamos num número especial sôbre a sua organização. Para comemorar o seu 33.º aniversário, não dava tempo. Á um mês do evento, era impossível preparar matéria para um exemplar completo. Mas ficou a idéia, que frutificou. O fruto é a presente edição.

Não se cogitou de fazer história sôbre a firma. Embora ela tenha a sua, e bonita, como tantas outras empresas que despontaram modestamente, indecisamente, sudadamente. A história que se contasse por si, nas entrelinhas de suas mensagens comerciais e técnicas.

O objetivo foi alcançado. Prova-o a leitura deste exemplar.

Em todos os Estados
Em todos os Territórios
No Distrito Federal

Em todo o Brasil... POLTRONAS KASTRUP

ACRE

Rio Branco
 Cruzeiro do Sul
 Xapurí

ALAGOAS

Maceió
 Mogoaba
 Pão de Açúcar
 Penedo

Piranhas

AMAPÁ

Macapá

AMAZONAS

Manáus
 Itacoatiara
 Parintins

BAHIA

Salvador
 Alagoinhas
 Aliança
 Barreiras
 Caldas do Cipó
 Catete
 Caravelas
 Condeúba
 Conquista
 Feira de Santana
 Ilhéus
 Itaberaba
 Itabuna
 Itambé
 Jequié
 Juazeiro
 Muritiba
 Paratinga
 Remanso
 São Felix
 São Francisco
 Senhor do Bonfim
 Ubaira

CEARÁ

Fortaleza
 Cajazeiras
 Crato
 Joazeiro
 Sobral

DISTRITO FEDERAL

Brasília

ESPIRITO SANTO

Vitória
 Afonso Cláudio
 Alegre
 Anchieta
 Baixo Guandú
 Cachoeiro do Itapem.
 Castelo
 Colatina
 Guaçuí
 Guarapari
 Itaguaçu
 Mimoso do Sul
 Muqui
 São Mateus
 Santa Tereza
 Siqueira Campos

GOIÁS

Goiânia
 Ceres
 Formosa
GUANABARA
 Mais de 150 instalações,
 distribuídas entre todos
 os bairros da cidade do
 Rio de Janeiro.

MARANHÃO

São Luiz
 Caxias

MATO GROSSO

Cuiabá
 Campo Grande
 Corumbá

MINAS GERAIS

Belo Horizonte
 Acesita
 Aimorés
 Araçá
 Araguari
 Araxá
 Barbacena
 Bicas
 Bocaiúva
 Bom Sucesso
 Cajurí
 Campo Belo
 Cataguases
 Caratinga
 Carangola
 Caxambú
 Congonhas do Campo
 Conselheiro Lafaiete
 Cristina
 Curvelo
 Diamantina
 Divinópolis
 Espera Feliz
 Ferniga
 Governador Valadares

Ipanema
 Itabira
 Itabirito
 Ituiutaba
 Jeceaba
 Juiz de Fora
 Laginha
 Lambarí
 Larvas
 Leopoldina
 Mariana
 Mar de Espanha
 Manhuassú
 Montes Claros
 Muriaé
 Nova Lima
 Ouro Preto
 Passagem
 Patos de Minas
 Patrocínio do Muriaé
 Fedra Azul
 Pedro Leopoldo
 Pirapora

Piunhi
 Poços de Caldas
 Ponte Nova
 Pouso Alegre
 Retiro
 Rio Novo
 Rio Pardo de Minas
 Rio Preto
 Sabará
 Santa Bárbara
 Santos Dumont
 São João del Rei
 São João Nepomuceno
 São Lourenço
 Sete Lagoas
 Teófilo Ottoni
 Tocantins
 Tombos
 Ubá
 Uberaba
 Uberlândia
 Viçosa
PARÁ
 Belém
 Bragança
 Óbidos
 Santarém

PARAIBA

João Pessoa
 Cabedelo
 Campina Grande
 Patos
 Santa Rita
 Taboiana

PARANÁ

Curitiba
 Londrina
 Paranaguá
 Ponta Grossa

PERNAMBUCO

Recife
 Alagoianha
 Bezerros
 Caruarú
 Garanhuns
 Goiana
 Gravatá
 Jaboatão
 Limoeiro
 Nazaré da Mata
 Pesqueira
 Petrolina
 Pojuca
 Timbaúba
 Vitória de Sto. Antão

PIAUI

Terezina
 Oeiras
 Picos

RIO BRANCO

Boa Vista

RIO DE JANEIRO

Niterói
 Agostinho Porto

Angra dos Reis
 Araruama
 Belfort Roxo
 Barra do Pirai
 Barra Mansa
 Barra Itabapoana
 Bom Jardim
 Bom Jesus do Norte
 Cachoeiro do Macacú
 Campos
 Cantagalo
 Carapebús
 Cordeiro
 Corréas
 Duque de Caxias
 Engenheiro Passos
 Imbariê
 Itaguaí
 Itaocara
 Itaperuna
 Itaverá
 Japerí
 Macaé
 Magé
 Mangaratiba
 Marquês de Valença
 Maricá
 Mendes
 Miguel Pereira
 Miracema
 Nilópolis
 Nova Friburgo
 Nova Iguaçu
 Olinda
 Paraíba do Sul
 Parati
 Patí do Alferes
 Paulo Frontin
 Petrópolis
 Pinheiral
 Pirai
 Porciúncula
 Portela
 Pureza
 Pirassununga
 Quatis
 Rezende
 Rio Bonito
 Rio das Flores
 Santo Aleixo
 São Fidelis
 São Gonçalo
 São João de Meriti
 Santa Maria Madalena
 Saquarema
 Senador Camará
 Silva Jardim
 Taireté
 Terezópolis
 Trajano de Moraes
 Três Rios
 Vassouras
 Visconde de Itaboraí
 Volta Redonda
R. G. DO NORTE
 Natal

Caicó
 Mossoró
RIO GRANDE DO SUL
 Porto Alegre
 Livramento
 Pelotas
 Rio Grande
RONDÔNIA
 Porto Velho
 Guajarará Mirim
 Guajar á Mirim
SANTA CATARINA
 Florianópolis
 Joinville
 Lages
 Tubarão
SÃO PAULO
 São Paulo
 Americana
 Araraquara
 Aparecida do Norte
 Botucatu
 Campinas
 Campos do Jordão
 Caraguatatuba
 Cerqueira Cesar
 Cruzeiro
 Franca
 Jaraguá
 Jaratinguetá
 Ipaucú
 Ituverava
 Jaboticabal
 Jacaré
 Jardinópolis
 Jundiá
 Limeira
 Lindoia
 Lorena
 Mogí das Cruzes
 Mogim rim
 Novo Horizonte
 Pinjamonhangaba
 Pirassununga
 Piracicaba
 Presidente Prudente
 P.quete
 Ribeirão Preto
 Rio Claro
 Santos
 São Carlos
 São José do Rio Preto
 São José dos Campos
 Sorocaba
 Taubaté
 Tremembé
 Vinhedo
SERGIPE
 Aracajú
 Ipanema
 Itabaiana
 Itabaianinha
 Propriá
NO EXTERIOR
 Lisboa... Portugal

Desde os saudosos tempos do mil réis, a poltrona de cinema representa parcela das mais expressivas na montagem de uma casa exibidora. Seja por motivar, sempre, uma transação comercial de valor nunca desprezível à época em que é feita; seja por demandar cuidados especiais de fabricação, distribuição e colocação; seja, enfim, por constituir, no seu conjunto de unidades, um respeitável patrimônio para o seu comprador ou mesmo para o possível arrendatário do cinema.

Sob o ponto de vista puramente técnico, no que respeita à colocação das poltronas dentro do salão de projeções, nada mudou. O material é hoje instalado de acordo com os mesmos processos utilizados há vinte anos atrás. Por outro lado, as alterações foram sensíveis nos demais aspectos que envolveram a fabricação e a venda do produto.

É notório que a evolução do conceito de conforto, de compasso aferido ao arrôjo e à capacidade de adaptação do homem, foi paulatinamente abrindo novos horizontes no campo da fabricação de poltronas, dando a estas melhores estruturas sob o prisma industrial e fisiológica sempre renovada. Da primeira cadeira de pau, de linhas e confecções grosseiras, passou-se às primeiras poltronas anatômicas, ainda com assento e encosto de madeira, mas já com uma apresentação bem mais agradável. Aí teve lugar a transformação, vamos dizer mais radical, pois com ela nasceu de fato, caracterizada, a poltrona brasileira de cinema. De então para cá, fora um ou outro melhoramento de caráter industrial, muito pouca coisa mudou. E a prova está no fato de que muitos dos modelos que foram: «bossa nova» nos idos de 1940, continuam figurando nos catálogos dos fabricantes tradicionais do artigo. Um sinal evidente de que houve felicidade nas primeiras experiências e na sua posterior complementação.

É de frizar-se, à propósito, que a poltrona com assento e encosto de madeira, símbolo em desuso do cinematografista que lidera os grandes empreendimentos, que somente cuida do cinema-show, será ainda por muitos anos uma boa escora da indústria e do comércio especializados nacionais, e a ferramenta de trabalho indispensável do exibidor interiorano, que não dispõe da condição ambiente necessária para intentar realizações de maior vulto. Num País como o nosso, onde os marcos do progresso ainda têm jornadas estafantes por vencer em muitas direções a poltrona com assento e encosto de madeira, ora desbravando o campo virgem na composição do primeiro cinema, ora melhorando condições do já existente, ora consolidando uma terceira posição, encontrará sempre um merca-

do aberto à sua penetração, por força do seu menor preço e de suas qualidades sobejamente comprovadas.

Queremos crer que a empresa Metro Goldwyn Mayer, com a inauguração do Cine Metro-Passeio, no Rio de Janeiro, seja a precursora da iniciativa de instalar poltronas totalmente estofadas em cinemas do Brasil. É de recordar-se aqui, como fato ilustrativo de bom sabor saudosista, que a iniciativa foi considerada temerária por muitos e debochada por outros, que subestimavam a capacidade de ter o Rio de 1937 condições de possuir um cinema com tal requinte de luxo. Firmada, porém a decisão, de pronto pensou-se em importar poltronas americanas, possibilidade logo posta à margem por imposição de dispositivos legais vigentes e também pela confiança que os dirigentes da empresa depositaram em Paulo Kastrup e sua então P. Kastrup & Cia., afinal encarregados de fabricar e instalar as mesmas poltronas que ainda hoje acoelham, com sobriedade e conforto, os espectadores da excelente casa exibidora carioca. É lembrar-se que a transação foi concretizada na base de 190\$000 (cento e noventa mil réis) por poltrona!

Desnecessário dizer que a razão não estava com os descrentes e sim com os idealistas. Do sucesso retumbante do Metro-Passeio logo nasceram, em São Paulo e no Rio, outras realizações de envergadura semelhante e consolidou-se, no Brasil, a indiscutível vitória da primeira versão de poltrona de cinema estofada: — modelo Metro, com cavaletes de ferro fundido e estofamento em couro.

Alguns aperfeiçoamentos obtidos na industrialização da madeira, bem como o formidável desenvolvimento das indústrias nacionais do aço, do plástico e, mais recentemente, da borracha, possibilitaram aos fabricantes de poltronas um avanço

paralelo nos seus modelos de melhor categoria. Forçoso esclarecer que muita coisa deixa ainda hoje de ser feita, não por falta de recursos técnicos industriais, mas pela impossibilidade dos fabricantes bitolarem suas possíveis realizações aos preços exigidos pelos compradores do artigo. Mesmo assim, já foi atingido um alto padrão de conforto, do qual dispõe o frequentador das principais salas do País. Isto quanto à estrutu-

benefício prático. Pelo contrário, foi e é forte e irresponsível a argumentação que acabou por não deixar a idéia ganhar corpo.

Posteriormente, ainda uma vez estribados em concepções americanas os principais fabricantes nacionais tentaram a poltrona «recuável» (push-back). Sob ser um modelo que nunca chegou a ser fabricado com perfeição sem proibitiva elevação do seu valor venal, não

Poltrona de cinema

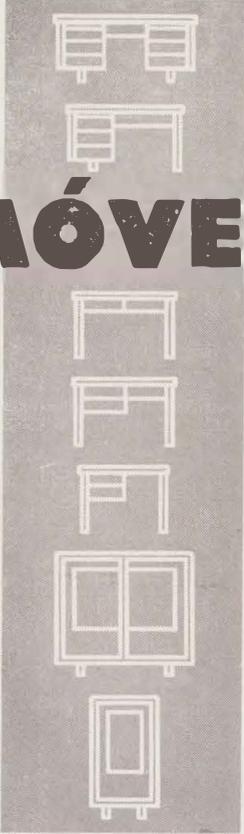
— Evolução e Mercado

ra das poltronas e, vamos dizer, à infra-estrutura dos seus estofamentos. O mais, a vestimenta, o traje com que a poltrona se apresenta em público, via de regra corre por conta do gosto do arquiteto ou do decorador do cinema, encarregado de dar-lhe efeitos estéticos e decorativos compatíveis com o ambiente a que se destina. Assim, uma mesma poltrona pode receber roupagens as mais variadas e exclusivamente por meio destas, diferenciar-se de uma outra que lhe seja estruturalmente idêntica. Agora mesmo, para compor o Cinema Unidade Vizinhança, primeira e luxuosa casa exibidora de Brasília, foram escolhidas as mesmas poltronas Kastrup instaladas por esta firma no Cine Comodoro, lançador e ainda único exibidor do processo Cinerama em São Paulo e no Brasil. Com uma única diferença: estas estão revestidas de plástico listrado cinza-branco; aquelas, com todo o estofamento e contra-fundos na cor cinza-médio.

Em nome de um progresso bastante discutível, foram feitas algumas experiências com o objetivo de criar novos efeitos funcionais na poltrona de cinema. O levantamento automático do assento, ao simples levantar do espectador, foi tentado em 1938 com animadoras perspectivas teóricas, mas logo abandonado por não trazer nenhum

atende absolutamente ao principal objetivo que o leigo lhe confere, isto é, dar maior lotação ao cinema do que as poltronas comuns, de assento simplesmente basculante. Dai o fato de estar hoje relegada a plano secundário no mercado especializado e não ser cogitada pelos grandes e experimentados exibidores, donos das principais cadeias de cinemas do País.

O que mais se possa ter feito, no setor da fabricação de poltronas para cinemas, terá carecido de expressão comercial para ser aqui mencionado. Uma ou outra instalação de caráter especial terão dado origem: à modelos também especiais, em seguida desprezados por sua impossibilidade de serem industrializados continuamente. Nos eventos, atingiram seu único objetivo: — compor de forma extraordinária um determinado ambiente, cujo realizador escudou-se tão somente no prazer e no orgulho de fazer algo diferente e melhor, sem bitolar os seus gastos na escala usual e o que é importante, sem atesse à exigências de lucros compatíveis e proporcionais ao capital empregado no empreendimento. Socorrido por tais liberalidades, o fabricante nacional dará sempre, quando chamado a pronunciar-se, prova de sua capacidade realizadora e do alto padrão de qualidade dos seus artigos.



EIS A SOLUÇÃO!

MÓVEIS KASTRUP

para seu escritório

KASTRUP é uma solução para V. porque são móveis que exercem *exatas funções*, sempre!

E são funcionais por suas

- linhas modernas,
- planificação rigorosa
- uniformidade na fabricação
- e durabilidade!

Garantidos por t^oda vida, os Móveis KASTRUP são encontrados a qualquer tempo — por mais que os anos transcorram — sempre com o mesmo padrão, o mesmo desenho, a mesma construção.



Consulte-nas, sem compromisso

CIA. P. KASTRUP - Comércio e Indústria

Rio — São Paulo — Belo Horizonte — Porto Alegre — Niterói — Goiânia — Recife — Caruarú

A Visibilidade nos Cinemas

Construir um cinema luxuoso não é problema dos mais difíceis de resolver; dinheiro é a principal parcela para conseguí-lo. O difícil, o que requer cuidados especiais, é não

deixar faltar, como complemento do luxo, a parcela respectiva e indispensável de conforto. Esta, só pode ser obtida à base de concepções técnicas muito bem fundamentadas, devida

mente estudadas pelos homens certos, para as funções certas

Um cinema pode ser luxuoso e ao mesmo tempo desconfortável; como confortável pode ser, sem a presença do luxo. Fácil exemplificar: um salão de projeções ricamente decorado, com majestosa boca-de-cena, passadeiras especialmente desenhadas e assentadas sobre o aconchegador moletão, ar condicionado perfeito, projetores ultra modernos e poltronas super macias, ainda que pareça incrível, pode deixar de oferecer conforto ao espectador. Basta que um único requisito técnico, fundamental, não tenha sido prévia e corretamente estudado: o problema da visibilidade.

Não pretendemos asseverar que a visibilidade seja fator decisivo para o êxito de um cinema. Quando muito, animamo-nos a afirmar que ajuda na sua boa qualificação. O que garantimos, com convicção, é

que, se contrariado flagrantemente, o fator visibilidade reduz o número de frequentadores de um cinema. Principalmente se tiver o espectador oportunidade de escolher, entre dois ou mais cinemas exibidores do mesmo filme de sua preferência, aquele que lhe proporcione melhor visibilidade. Isto partindo do princípio lógico, evidente, de que quem vai ao cinema o faz para "ver" o filme, preferencialmente em posição natural de um espectador sentado, sem meneios de cabeça e espichamento do pescoço.

Desavisadamente, dir-se-á que o assunto é pacífico, claro, que nem citação merece. E o é... teoricamente! Na prática, o que se vê, o que se sente, são incontáveis e impertinentes exemplos de "como o problema não deveria ser resolvido". E exemplos fornecidos até por casas de repercussão nacional, em cuja construção o proprietário, o construtor ou o proprietário-

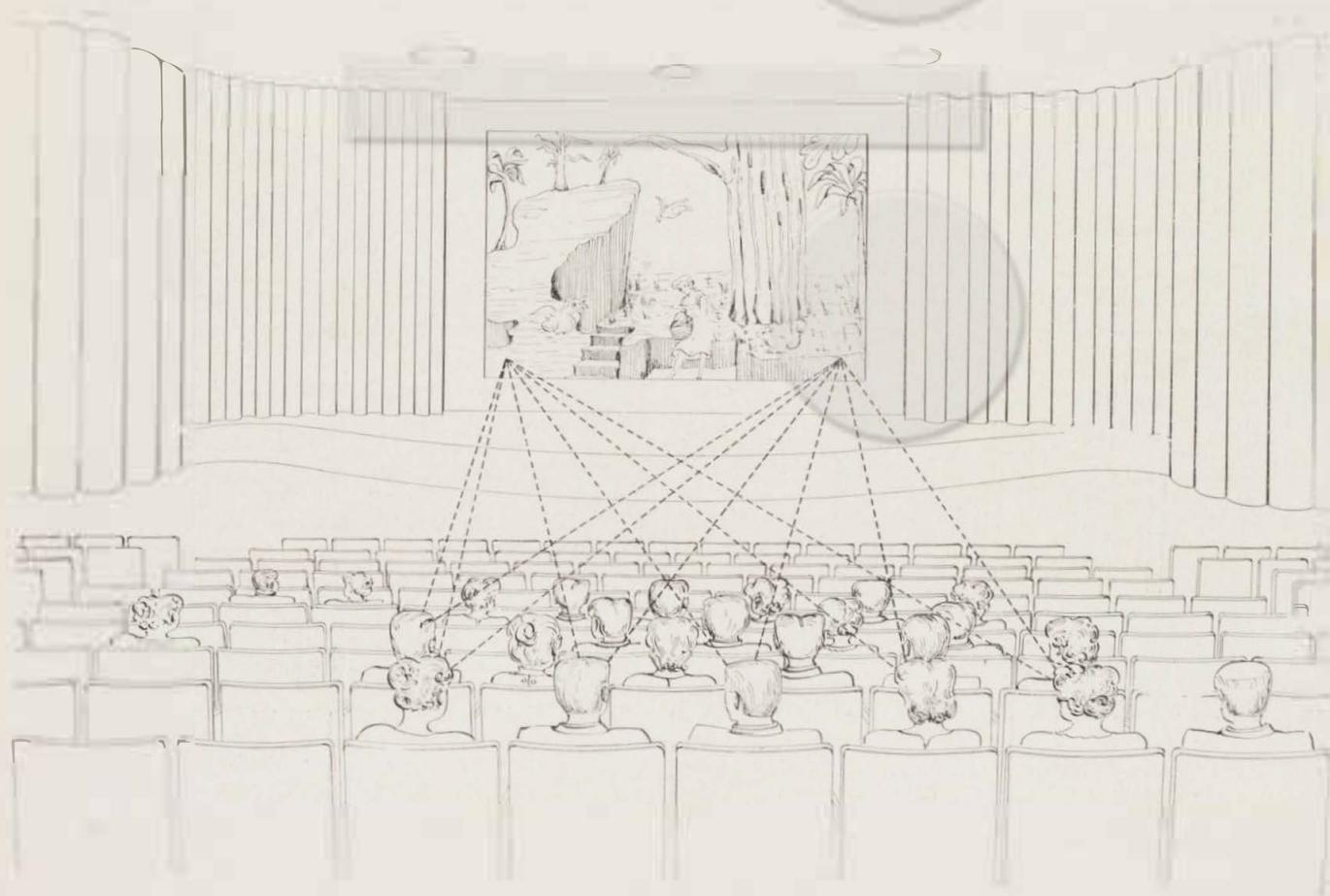


Figura 1

A Visibilidade . . .

construtor gastaram verdadeiras fortunas para dar ao espectador a oportunidade de assistir filmes... com dificuldade.

O assunto é importante. Tão importante quanto fácil de ser resolvido à contento, desde que equacionado como deve ser: em tempo e sèriamente, por quem tenha condições para fazê-lo. É para isso, data vênica dos nossos colegas de profissão, não basta ser engenheiro (ou arquiteto); como ser engenheiro (ou arquiteto) não basta para projetar, com detalhes técnicos

que supomos (com segurança respondemos pela firma Kastrup), tôdas elas estão capacitadas a colaborar prazerosa e gratuitamente neste particular.

A visibilidade ideal de um cinema depende da conjugação de inúmeros fatores aparentemente distintos, todos de natureza essencialmente técnica e que devem ser considerados ao tempo do ante-projeto da obra, ou mesmo, e preferencialmente, por ocasião da escolha do terreno a ser edificado. Por desprezo a este procedimento, torna-se comum o aparecimento de obstáculos difíceis de trans-

então a surgir e nasce a primeira solução acomodativa, que provavelmente encabeçará uma série de outras subsequentes. Costuma ser assim!

★

Entre os vários fatores que influem na obtenção de uma visibilidade perfeita, dois podem ser apontados como os principais:

a) Perfil longitudinal do piso do salão de projeções — curvatura ou escalonamento em degraus do mesmo piso.

b) Altura da base da tela em relação aos pisos do palco e do salão próprio dito.

poltronas, nada tem a ver com o problema da visibilidade?”. Em tese, podemos responder com a negação. Mas, deixamos aberta a comporta para a ilustração e talvez (sabe lá?) para o debate, ressaltando: — em alguns casos (não em todos), uma distribuição de poltronas bem cuidada pode suavizar as deficiências oriundas de um estudo de visibilidade imperfeito. Influir decisivamente na questão, resolver o problema, não! E mais: quando se chega a esta necessidade de “acomodar” as poltronas pa-

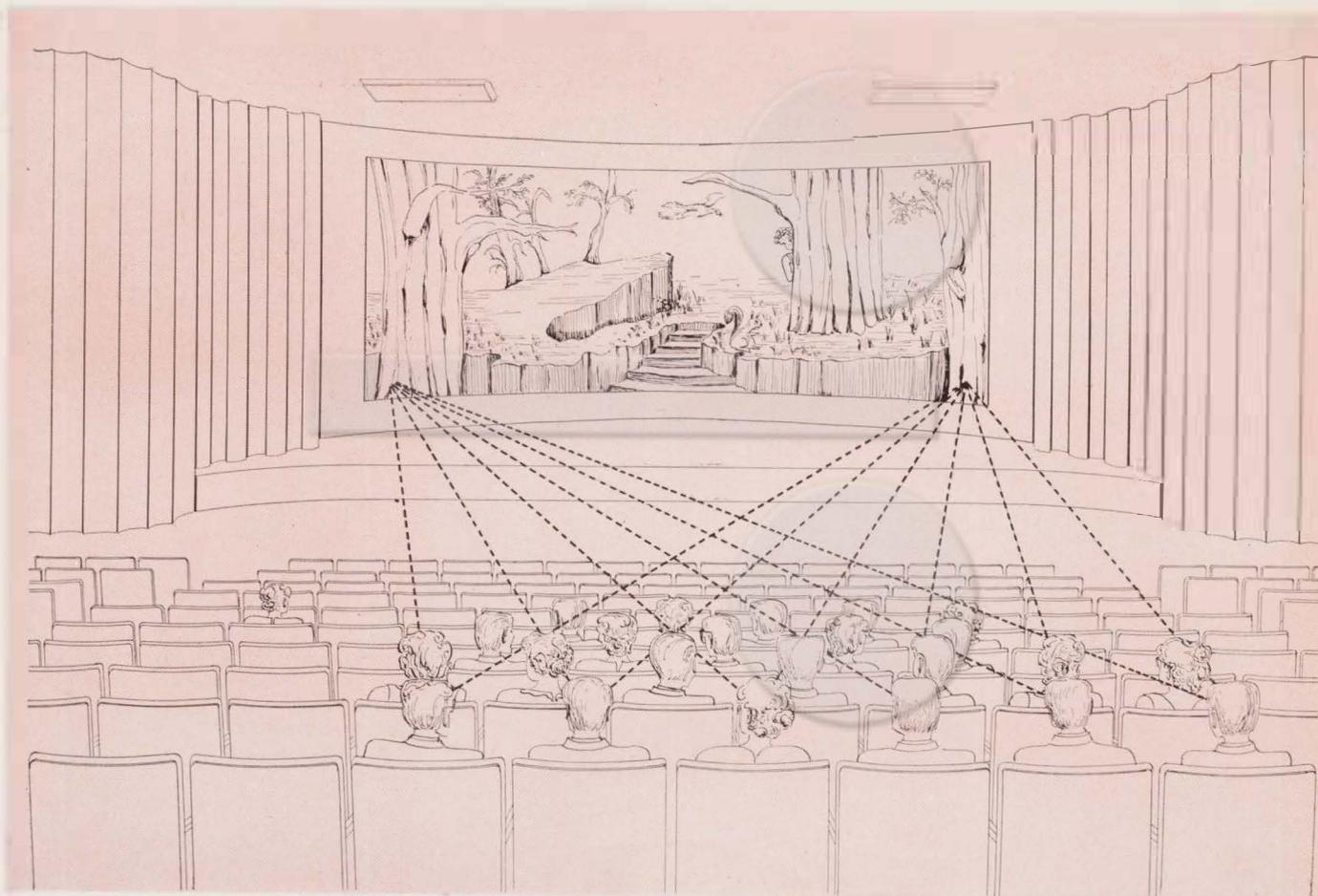


Figura 2

bem postos, um hospital, ou um hotel, ou uma fábrica. Há que prevalecer, também, e acima de tudo, o conhecimento prático da matéria, não sendo difícil buscar-se, junto às firmas fabricantes de poltronas, diretamente ligadas ao assunto, os elementos indispensáveis ao seu perfeito esclarecimento. Ao

pôr antes mesmo do início da construção, quando, nas tentativas de uma definição de projeto, os responsáveis chegam, por exemplo, à desagradável conclusão de que “não é possível baixar mais o piso do salão de projeções, porque as condições do terreno não o permitem”. Os “remédios” começam

Não há dúvida de que esses fatores, por sua importância e complexidade, reclamam capitulos especiais para o seu exame. Aqui os examinaremos superficialmente.

Por ora, iremos logo respondendo à pergunta que provavelmente já se fez o leitor desavisado: — “E a colocação das

ra melhorar a visibilidade, de antemão se tornam remotas as possibilidades de escaparem ilêso os padrões estéticos e funcionais que, noutras circunstâncias, certamente regulariam o assunto.

É muito comum os instaladores de poltronas serem res-

A Visibilidade . . .

ponsabilizados pela má visibilidade de um cinema. E podem sê-lo, mas em um único caso: se for de sua autoria ou projetado com sua aprovação, o traçado do perfil do piso do salão de projeções. E, mais, se este traçado foi rigorosamente obe-

das, tornaram-se ainda menores as possibilidades de se melhorar a visibilidade com o auxílio da distribuição de poltronas. Com a tela pequena, sempre se conseguia resultados apreciáveis com o desencontro de filas, recurso que possibilitava ao es-

pectador vê o filme por cima da cabeça do espectador sentado em sua frente (fig. 4). Ambos em posição normal. Evidentemente, esta normalidade, e só ela, esteve na mira do projetista, quando socorreu-se dos dados

das luzes, do senhor, visivelmente aborrecido, queixava-se de que as poltronas eram com o pescoço doído, em face da necessidade que teve de manter a cabeça inclinada para trás, em função do ângulo de vi-

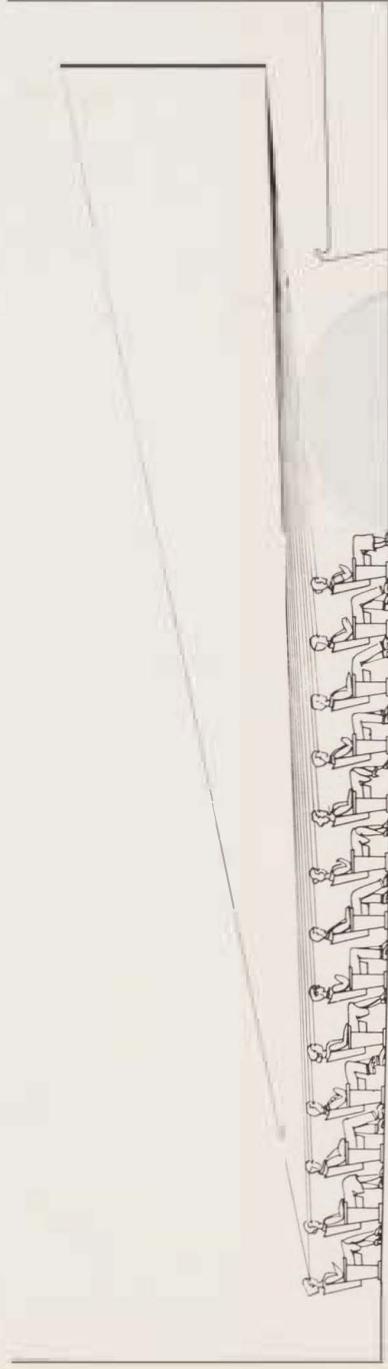


Figura 3

decido em sua execução, o que nem sempre acontece. Fora desta hipótese, são tão responsáveis quanto os próprios espectadores que amarguram a existência do erro . . .

Em poucas palavras: a boa visibilidade de um cinema não

deve depender do ângulo visual entre as cabeças dos assistentes sentados na fila da frente. No setor central das poltronas, a medida chegava mesmo a resolver o problema (fig. 1)

Hoje, sendo as telas muito

grandes, os técnicos que lhe indicaram as alturas dos olhos e a cabeça de um homem médio sentado não podem cogitar da possibilidade de um não sentar-se atrás de um gigante

que não seja ideal em relação à altura da tela. Ainda bem que tivemos o ensêjo e o prazer de ressaltar a responsabilidade do fabricante das poltronas, provávelmente sem culpa na infeliz experiência do espectador



Figura 4

depende do modo como são distribuídas as poltronas. Uma colocação mais racional, mais inteligente, pode corrigir pequenos defeitos oriundos de um traçado de piso ligeiramente defeituoso (fig. 3); resolver, porém, um problema realmente mal equacionado, não resolve. Aliás, com o advento da tela panorâmica e de suas assemelha-

das, dificilmente o espectador consegue enquadrar as naquele campo visual amplo, conforme raciocínio facilmente concebível (fig. 2).

Portanto, não é ao fornecedor de poltronas que se deve dirigir a irritação do espectador e muito menos a do proprietário e exibidor desavisados.

Em síntese, um cinema tem visibilidade perfeita quando o

Nesta base de raciocínio, única verdadeira e correta, a conclusão é meridiana e põe por terra outras que apressadamente costumam ser tiradas sobre o assunto. Geralmente por leitores, diga-se de passagem, como no caso que há dias presenciemos ao término de uma das sessões de um grande cinema da cinelândia paulistana. Ace-

Bem sabemos que não é a este tipo de leitor que pretendemos nos dirigir. Com os nossos respeitos, éie não nos interessa diretamente. Por éie, considerado na sua condição de espectador, e não na de leitor, deve interessar-se o exibidor, aquele que constrói ou explora o cinema. Por éste, sim, nos interessamos; à éste, sim, nos dirigimos agora

SAUDAÇÃO A BRASÍLIA

Nós nos orgulhamos de nossa contribuição para a nova capital, fornecendo equipamento para muitas de suas importantes instalações, entre as quais figura o espetacular

"CINE UNIDADE VIZINHANÇA"

equipado com 1.500 poltronas modelo "cinerama", exclusiva da Kastrup.

Ai estás agora, de corpo inteiro.
Sereno, confiante, repelindo os dias,
como qualquer outra grande cidade.
Riscado de belas avenidas, estanteante do mar,
agitado e dinâmica,
como qualquer outro grande cidade.
Com o sol e o lua,
os horas de trabalho e de descanso,
como qualquer outro grande cidade
Ai estás agora, de corpo inteiro,
mos com uma história tão belo e gloriosa,
como nenhuma outro grande cidade.
Na verdade,
és uma comacção, um milagre.
Há pouco não passavas de uma idéia.
Depois fôste um projeto.
E num átimo explodiste em blocos arquitetônicos,
estorrecedores pelo concepção nova e usado,
embalado com desvêlo e amor por
milhares de mãos rudes e calosas.
E surgiste em pleno selva,
em tonalidades de lendo e sonho,
como um susto.
Depois, como um susto,
espantaste o mundo
e despertaste o gigante,
apontando-lhe o novo cominho
Ai estás agora, de corpo inteiro,
pleno, viva, adulta,
não mais a "capital da esperança",
mas a esperada!

CIA. P. KASTRUP - Comércio e Indústria

Há mais de 30 anos fabricando e fornecendo móveis para todo o Brasil

RIO DE JANEIRO — Av. Franklin Roosevelt, 146-B • SÃO PAULO — Rua Vitória, 826
• BELO HORIZONTE — Rua Espírito Santo, 225 • NITERÓI — Rua José Clemente, 23
GOIÂNIA — Avenida Goiás, 55-B • RECIFE — Rua Cande da Boa Vista, 137
CARUARÚ — Rua Expedicionária, 22 • PORTO ALEGRE — Rua São Pedro, 949

(Fábricas nos Estados do Paraná e de Santa Catarina)

Algumas palavras sôbre o CINERAMA

O que é o Cinerama?

Para falarmos do Cinerama, precisamos de voltar os olhos ao passado, aos saltos, primeiro pousando-os no CinemaScope (1953), oriundo da descoberta da objetiva hipergonar (1), do prof. Henry Chrétien, que multiplicava por três o tamanho da tela natural de até então, mas que não dava senão amplitude à cena, sem oferecer a profundidade indispensável a uma nova dimensão; olhando ainda mais para trás, em 1927, divisaremos o inventor André Debrie oferecendo uma oportunidade a Abel Gance para a projeção do seu "Napoleon" em tela triplice, dividindo-se a cena em três pedaços, projetados por três aparelhos diferentes, em posições paralelas: aqui se renunciava o Cinerama, mas não era o seu verdadeiro primórdio, pois este procedia do início do nosso século, quando, na exposição universal, em 1900, Grimois Sanson (2) apresentou seu invento panorâmico, dotado de oito projetores, postos em círculo.

De qualquer maneira, ao lado da importância da dimensão visual, para que se efetivasse uma nova forma de projeção cinematográfica, tornou-se imperioso resolver o problema do som, dando-lhe a amplitude suficiente para acompanhar o poder sugestivo da imagem engrandecida. E' o que se chama perspectiva sonora, saindo o som de vários pontos estratégicos, sendo que para o CinemaScope torna-se necessário o emprêgo de pelo menos três alti-falantes, e para o cinerama, seis. E' através do som que a impressão de dimensões diversas chega até o espectador, dominado já de início por uma disposição profunda das imagens em movimento. O som chega até o espectador de vários pontos, e, assim, êle não se encontra mais frente ao filme, mas, de certa maneira, no centro sonoro da história que se

desenrola a sua frente: dominado pela amplitude do campo visual, envolvido pelo som, pelo ruído, pela música, que se entrecruzam no recinto, preso assim num movimento paralelo audio-visual, o espectador vive o drama, participa de sua ação, sem que o perceba.

E' isso o cinema dimensional, de hoje, e mais bem representado pelo Cinerama, graças às suas disposições mecânicas de maior grandeza. Tanto o Cine-

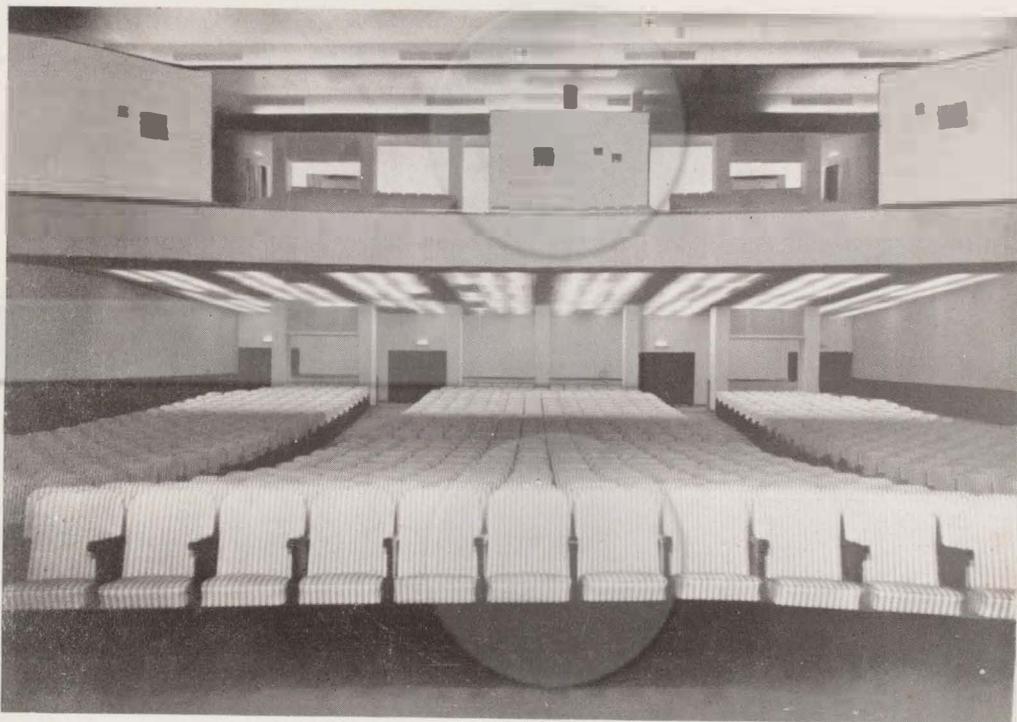
propósito, o cineasta Doniol Valcroze, quando escreveu à respeito do Cinemascope, que podemos transcrever e referir-lo para outros processos: "já seria tempo de o diretor de cinema poder escolher à sua vontade as proporções de suas imagens (seja na largura ou na profundidade), como o pintor decide do formato de sua tela e o romancista do número de páginas de seu livro".

Não obstante, para os tempos atuais, mesmo ficando no espetaculoso — processo inicial de toda e qualquer descoberta —

gado pelos srs. Paulo Sá Pinto e Wenceslau Verde, para que o Cinerama não levasse ainda mais tempo a chegar até nós.

Mas, afinal, o que é o Cinerama

Antes de entrarmos especificamente na tentativa de explicação do que possa ser o Cinerama, julgamos indispensável, por analogia, referir algo sôbre o cinema em relêvo, que é, a nosso ver, toda a base das novas conquistas técnicas da sétima arte. O relêvo participou das preocupações dos cineastas desde os primórdios do cinema, pois chegou a ser estudado por



Vista do balcão do Cine Comodoro. Note-se as três cabinas de projeção, uma central e duas laterais. Dali, operando simultaneamente, três projetores movimentam os três filmes utilizados pelo processo Cinerama.

rama, quanto o Cinemascope, e bem assim outros processos de desenvolvimento da cinematografia, são recursos de progresso; não nos preocupa aqui questionar da superioridade deste ou daquele sistema: as condições do futuro é que ditarão o mais acertado; pelo que nos respeita, temos é que destacar o esforço da pesquisa, no sentido de se descobrirem mais e melhores recursos para o aperfeiçoamento tanto da técnica quanto da arte da cinematografia universal. Vale citar, à

os inventos mais recentes da técnica cinematográfica tem chegado tardiamente na diversidade dos países; explica-se o fenômeno pelo custoso de suas adaptações, exigindo do mercado uma capacidade de consumo que justifique tamanhos investimentos. E' o caso, atual, do Cinerama. Muita tinta gastariamos nas justificativas do seu retardamento em aparecer entre nós; tornou-se imperioso um ato de arrôjo de um grupo de homens da indústria cinematográfica nacional, encabe-

Lumière e por outros inventores; ao que nos parece, sua primeira experiência bem sucedida ocorreu por volta de 1936, em Paris. O relêvo, que é a sensação da profundidade projetada, dando plástica e contorno aos objetos e coisas, proporcionando, assim, uma visão estereoscópica de tudo, apresenta pelo menos dois processos técnicos para sua efetivação, ambos exigindo o emprêgo de lunetas (ou óculos especiais). E' preciso, no entanto, frisar

(Cont. na pág. 16)

cinemas de SÃO PAULO e cinemas do RIO

Lemos recentemente que "o Rio de Janeiro, em matéria de cinemas, está dez anos atrasado em relação a São Paulo". Ao lavrar tal sentença, o articulista deve ter tido suas razões. É possível, mesmo, que outros as esposem. Mas, será tanto ao mar?

Sem dúvida, São Paulo tem sido "mais pioneira" em certos setores da cinematografia. O sensacional lançamento do Cine-rama e, mais recentemente, de fitas em Todd-AO, muito influíram para consagrar esta posição de vanguarda que a maioria lhe confere. Não menos verdade, seus cinemas de categoria especial, de uns poucos anos para cá, têm sido construídos em número bem maior do que os do Rio. Só na sua chamada cinelândia, o seu time de valores novos é espetacular. Olido, Rivoli, Regina, Coral, Comodoro, Paissandú, Mônaco, Rio Branco, etc, teriam posição assegurada em qualquer seleção nacional. Em contraste, não poderia o Rio fornecer para a mesma seleção (de novos) nenhum dos cinemas de sua outrora incomparável cinelândia. Talvez louvado nestas considerações, tenha se manifestado o articulista.

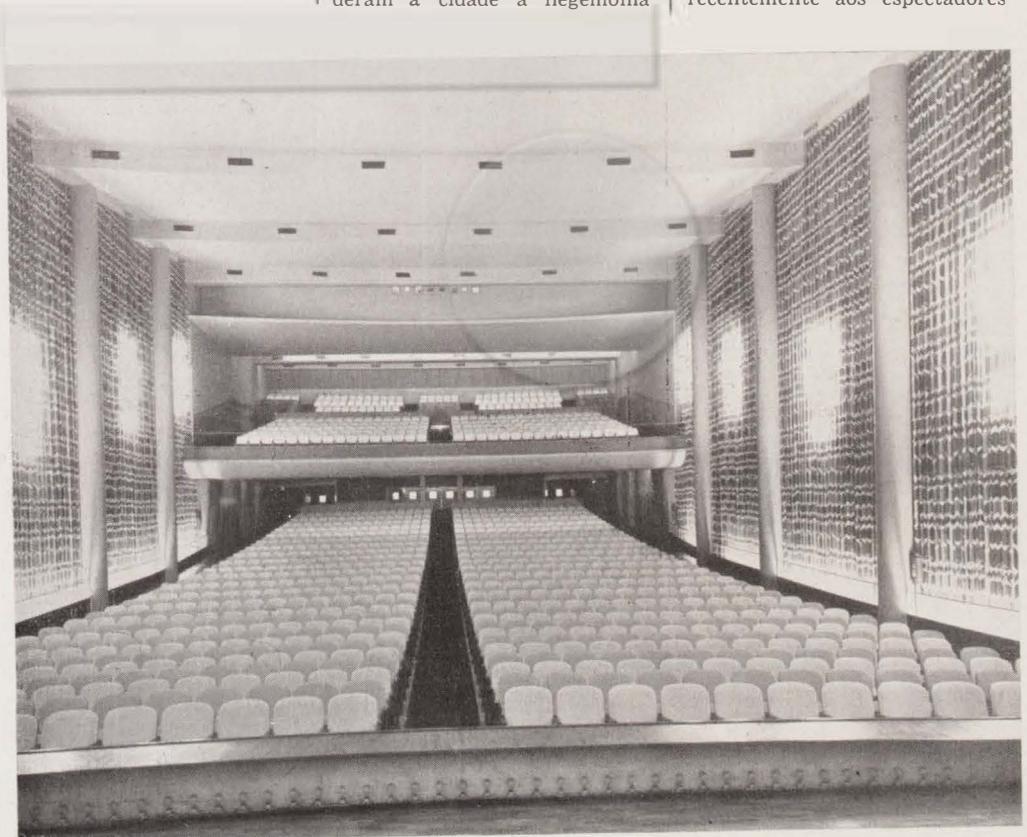
Jamais se diga que o paulistano gosta mais de cinema do que o carioca. Ou que vai mais ao cinema, porque, ao contrário do carioca, não tem tanto onde ir. Não procede, absolutamente, nenhuma das duas assertivas. No Rio, como em São Paulo, os bons cinemas, bem localizados, quando exibem boas fitas, funcionam sempre lotados. O "Opera", na Praia de Botafogo, local de simples passagem do seu público efetivo, bate recordes nacionais de bilheteria. Houvesse, no Rio, mais casas exibidoras de sua categoria, e estariam seguindo o mesmo caminho.

O que se passa, a favor dos espectadores paulistanos, é que o mercado cinematográfico, em São Paulo, foi sendo seguidamente descoberto (em alguns casos, redescoberto) por um maior número de homens e empresas em condições de fazer novos cinemas e dispostos a explorá-los condignamente, apresentando-os com roupagens condizentes com as sempre renovadas concepções de progresso, luxo e conforto. A sombra das chamadas grandes empresas — que se fizeram grandes

há muitos anos, mas que não descuidaram de ampliar a sua expressão — foi paulatinamente surgindo uma série de novos especuladores do ramo, todos compreendendo, de saída, que seus esforços somente sobressairiam com a apresentação de cinemas realmente bons, ou, pelo menos, muito bem vestidos.

No Rio, a história se conta de maneira diferente. Dos exibidores tradicionais, aqueles que deram à cidade a hegemonia

hoje desfrutada pelo público paulistano, uns cuidaram de simplesmente melhorar a aparência dos seus fabulosos patrimônios, constituídos de muitos cinemas bons excepcionalmente bem localizados e rendosos (iniciativa sem dúvida tão meritória quanto dispendiosa, mas que não chega a entusiasmar o espectador, que somente vibra com o impacto da novidade total); outros, ou se mantiveram praticamente à margem do movimento renovador que se foi impondo, ou afastaram-se do ramo. O rol de promotores do cinema-espetáculo, de patrocinadores de casas realmente modernas e luxuosas, verdade seja dita, não aumentou na escala grandiosa perceptível em São Paulo. Fora alguns esparsos e leuáveis empreendimentos de um ou outro idealista, que ainda permanecem na expectativa de poder repetir o seu impulso inicial, a renovação objetiva, visível, comentada, tem ficado por conta das organizações dirigidas pelo sr. Lívio Bruni. Sem desamor ao magnífico Cine Art-Palácio-Tijuca, que os tradicionais Sorrentinos entregaram recentemente aos espectadores



Sala de exhibições do Cine Bruni-Flamengo, uma das mais recentes e luxuosas realizações do sr. Lívio Bruni, no Rio de Janeiro. Com capacidade para 1.700 espectadores e possuindo os melhores requisitos técnicos e de conforto, destaca-se na primeira fila das modernas casas exibidoras cariocas.

DEVE HAVER UM MOTIVO ...

CINE FLORIDA
RIO

CINE HAWAY
SÃO PAULO

CINES ART PALACIO
RIO SÃO PAULO - SALVADOR
RIO DE JANEIRO - RECIFE

METRO
RIO DE JANEIRO

Monaco
SÃO PAULO

RIVIERA
BARRA MANSA - EST. DO RIO

AMAZONAS
BELO HORIZONTE

CINE TEATRO GUARANI
SALVADOR

CINES REX - ALBATROZ
RECIFE

CINE SÃO LUIZ
VITORIA - ESPIRITO SANTO



— para
cinemas e
auditórios

- duráveis
- confortáveis
- garantidas por toda a vida

Sim, há um motivo para a preferência da maioria dos cinemas pelas

Poltronas KASTRUP

— a perfeição nos mínimos detalhes! Fabricados por especialistas, as poltronas Kastrup atendem plenamente às máximas exigências de conforto, estética e desenho funcional

Poltrona "SANTA CATARINA" instalada no "Cine 9 de Abril", em Valta Redonda, orgulho da cinematografia nacional

Solicite-nos planos, orçamentos e sugestões, sem compromisso.

CIA. P. KASTRUP - COMÉRCIO e INDÚSTRIA

— há mais de 30 anos vendendo poltronas e fazendo amigos — por todo o Brasil!
Rio de Janeiro - São Paulo - Belo Horizonte - Niterói - Recife - Goiânia - Porto Alegre e Caruarú

Cinemas de ...

do importante bairro carioca que lhe dá parte do nome e do Cine Paissandú, recém inaugurado no Flamengo, que os irmãos Valeusy construíram com invulgar esmero.

Dotado de invulgar visão comercial, dinâmico, audacioso no bom sentido, o sr. Livio Bruni percebeu, há uns poucos anos, que o Rio de Janeiro precisava de mais cinemas. Ou melhor, de mais cinemas de classe. Que já nascessem liberados na escala cofapiana. Da percepção à determinação de construí-los, passou, e continua passando, de um fôlego só, com as qualidades que lhe são inerentes. Ganhou com isso a Belacap. E, mais do que a própria cidade, o seu público cinemateco, que já começa a vislumbrar a possibilidade de pôr-se em dia com o progresso de certos setores da cinematografia nacional, sem que para isso precise sair de sua cidade com destino a São Paulo. A ansiedade dos cariocas é grande e eles estão contando com o espírito empreendedor daqueles que já deram mostras de possuí-lo em larga escala. Ou será esperar-se demasiado da alta capacidade realizadora de empresas e homens como Vital Ramos de Castro, Li-

vio Bruni, Severiano Ribeiro, Cinematog. Azteca, Metro Goldwyn Mayer, Sylvio Guedes de Carvalho, Art Filmes, Franco-Brasileira, Alvaro C. Mello, Cinemas Unidos, J. M. Domenech, Marc Ferrez, Almeida & Fer-

nandes, E. J. Farah e tantos outros?

Em suma, o Rio continua precisando da sacudidela que já começou a receber. Quando mais não seja, para evitar que outros articulistas, como o que

no início nos referimos, sintam a necessidade de reduzir, de dez anos para muito menos, a diferença que separa, em classe e atualidade, os cinemas de São Paulo dos cinemas do Rio



Platéia do Cine Regina — "um cinema para São Paulo elegante" — que os srs. Hermenegildo Lopes Antunes e Manoel M. M. Gregorio edificaram na cinelândia paulistana

Visibilidade e o fenômeno: pagar para se irritar!

Nenhum dos defeitos que possam existir em um cinema irrita mais o espectador do que a má visibilidade. Um som imperfeito, uma projeção menos nítida, uma poltrona não muito confortável, são detalhes inconvenientes, mas, vamos dizer, aturáveis. Mas pagar-se uma entrada para ver uma fita e só se poder fazê-lo à custa de artificios e malatarismos, é sumamente irritante.

Há dois casos em que o espectador tem o seu conforto prejudicado ao assistir um filme: um, em que ele praticamente não vê a base da tela, onde se situam os letreiros, perturbado pelas cabeças dos que lhe estão sentados à frente; outro, em que ele vê perfeitamente, divisa toda a tela por cima das cabeças dos seus vizinhos dianteiros, mas tem de fazê-lo em posição forçada, com o pescoço por demais inclinado para trás, assim como quem faz um gargarejo. O primeiro é o mais comum e também o mais irritante; o segundo, não menos cansativo,



costuma estar restrito à apenas alguns setores da plateia, via de regra os situados do meio para a frente do cinema.

Em qualquer dos casos, é inequívoca uma das duas hipóteses: houve erro de projeto ou de construção. Erro que se repete com uma frequência quase

incredível, e do qual não escapam (ao contrário, parece que o atraem!) os cinemas de luxo. E por ele paga o espectador, que vê ferida a boa qualificação da casa que explora, com viabilíssimos reflexos em sua receita. E por ele paga o espectador, que, ao deixar o seu dinheiro na bilheteria, adquire o direito de entrar no salão de projeções para cansar-se e, conseqüentemente, para irritar-se

A intenção é sempre boa

Todo proprietário, ao iniciar a construção do seu cinema, tem em mente entregar ao público, diretamente ou através do seu arrendatário, uma casa tecnicamente perfeita. Não importa a qualidade dos materiais de acabamento que vá empregar, não importa se a casa vai ser ou não luxuosa. Perfeição técnica está ao largo destas características. Então, muito naturalmente, ele convoca uma firma construtora e confia-lhe a tarefa de projetar tudo, de fazer tudo. E passa a ficar dependente do maior ou menor conhecimento que esta tenha, não de construção, mas de construção de cinemas.

Da concepção dos escolhidos para responsáveis (sempre difícil de responsabilizar mais tarde...), nascem, sempre com boas intenções, a cabina de projeção, os locais das máquinas de condicionamento de ar, os

duto de refrigeração, os cogumelos, a posição da tela, a curvatura do piso do salão de projeções, etc., etc. Tudo pronto, são convocados os fornecedores especializados da complexa engenharia que compõe a "unidade-cinema" e iniciam-se os entendimentos para a "execução das instalações. Ai, e só ai, então, é que os desencantos se revelam. Com as obras adiantadas, muita coisa concretada e precisando ser definitiva, sob pena de sérios prejuízos de tempo e dinheiro, a situação se agrava. Consta-se que a cabina de projeção está pequena para receber o tipo de projetor pretendido (na melhor das hipóteses, o operador ficará sacrificado); igualmente acanhado é o espaço destinado às máquinas de refrigeração ou de renovação de ar; os dutos estão mal situados; os cogumelos vão atrapalhar a fixação das poltronas; o piso do salão tem pouca, ou muita, enfim, errada inclinação; a tela terá de ficar muito alta (dôr no pescoço dos espectadores), ou muito baixa (má visibilidade na plateia, nenhuma no balcão). Em suma, o retrato da imprevidência.

Solução fácil e gratuita

Quanto cobra uma firma vendedora de projetores, com o seu corpo de técnicos especializados, para orientar um interessado sobre tudo que diz respeito à projeção? Instaladores de ar condicionado não anunciam sempre "estudos e orçamentos sem compromisso"? E um fornecedor de poltronas, cobra alguma coisa para esclarecer os detalhes que lhe estão afetos, como curvatura do piso, altura da tela, distribuição das poltronas, circulação de espectadores e demais pormenores que se relacionam com o problema da visibilidade? Ao que sabemos, ninguém cobra nada, absolutamente nada. Possivelmente, se procuradas, essas firmas sentir-se-iam premiadas com a eventual preferência no fornecimento, após natural e compreensível concorrência.

Um dos melhores cinemas do País é o Cine 9 de Abril, de Volta Redonda, Estado do Rio. Tecnicamente, acreditamos que esteja muito próximo da perfeição. E quem o projetou e

acompanhou a sua construção, segundo nos confessou na primeira palestra que mantivemos sobre poltronas, nada entendia de cinemas. Entendia, isto sim! de bom-senso e de especialização de serviços. Tratou de consultar-se permanentemente com os especialistas de cada ramo e teve, assim, a seu lado, desde as preliminares da obra, uma equipe de técnicos que assistiu-o prazerosa e gratuitamente. Trabalho consciente, desprendido, inteligente. O resultado, como dissemos, está em Volta Redonda, para quem quiser apreciar um cinema, entre muitos outros que o exemplo não diminui, que não irrita o espectador.

★

Não é nossa intenção, aqui, esmiuçar o problema e enumerar métodos de resolvê-lo. Trata-se de matéria longa, essencialmente técnica, que não pode ser compendiada em um ar-



tigo de espaço limitado. Além do mais, não estamos escrevendo para construtores de cinemas, e sim para proprietários e arrendatários, aos quais interessam, fundamentalmente, a conceituação e o rendimento do seu negócio. O nosso intuito é lembrá-los, é mesmo adverti-los, em seu próprio benefício, de que toda uma concentração de ideais e de valores pode amesquinhar-se e até perder-se num empreendimento mal concebido e pior conduzido. Se o ideal é fazer coisa boa, técnica e, frizamos, mente perfeita — e, frizamos, estamos certos de que o é, sempre — não é mais trabalhoso, nem mais caro, cercar-se de uma equipe de assessores especializados em cada um dos diversos setores de atividades relacionado com a construção de cinemas.

Algumas palavras ...

que, já há mais de 15 anos, existe o processo chamado "estereokino", utilizado pelos cinemas de Moscou, que dispensa o emprêgo de óculos e apresenta uma satisfatória visão de relêvo. Os dois sistemas conhecidos são o denominado anaglifos e o de luz polarizada, variantes tão somente no processo do registro da imagem: o primeiro, tirando-se um só positivo de dois negativos referentes e sincronizados sobre a mesma cena vista pelo olho esquerdo e pelo olho direito; a diferença está no processamento do positivo com ingredientes complementares, como o vermelho e o verde; o sistema da luz polarizada é resultado do regis-

Essa sensação de relêvo, mas com muito maior amplitude, pois tem o condão de envolver o espectador no meio do acontecimento, é o que ocorre com o Cinerama. Somadas tôdas essas descobertas, o que não deverá tardar, teremos então atingido um estágio de realização artística dentro da cinematografia que nenhuma outra arte estará em condições, nunca mais, de atingir.

Cinerama ou tela tríplice

Sim, o Cinerama é um sistema de filmagem-projeção que emprega 3 filmes, 3 projetores e 3 telas. Sua apresentação,

gistrando as cenas num espaço esférico. Seus esforços alcançaram um primeiro resultado público por ocasião da Exposição Internacional de Nova York, levada a efeito em 1939. Essas primeiras experiências, realizadas com várias câmaras, ocorreram no interior da Perisfera, um tipo do nosso atual Planetarium, utilizando como tela uma superfície que imitava a abóbada celeste. Depois de um interregno, motivado pela guerra, e durante o qual Waller pôde aperfeiçoar seu invento aplicando-o no treinamento dos aviadores americanos, vamos encontrar o inventor já associado com Hazard Reeve (note-se que "hazard" quer dizer "acaso" em inglês, um fenômeno que ocorre comumente aos inventos humanos), especialista êste no registro de som. Em 1950, ambos fundaram uma firma de pesquisa e produção, à qual deram o nome de Cinerama, tirado da designação que emprestaram ao próprio invento, copiado naturalmente do termo utilizado 50 anos antes por Grimoin-Samson, alterando apenas uma letra, um "o"zinho" sem importância. Dois anos depois, traziam à público a nova descoberta, aperfeiçoada, sob o título "This is Cinerama".

Os três projetores do Cinerama empregam filmes normais de 35 mm, por sua vez utilizados por uma câmara triplice. As imagens, quase quadradas, comportam seis pares de perfurações, ao invés das quatro dos filmes comuns. Três cabines separadas (como poderão ver no Cine Comodoro) colocadas em pontos diferentes na sala, contém cada uma um projetor. Empregando bobinas oito vezes maiores do que as atuais (2.400 m. cada, ao contrário de 300), êsses projetores fazem a película se movimentar numa projeção de 26 imagens por segundo, ao invés das 24 atuais. A tela tríplice tem medidas variáveis, conforme o cinema: em Paris, é de 27 m. de largura por 11 m. de altura, isto é, dez vezes maior do que as comuns: o

Comodoro apresenta uma tela de E' formada por uma grelha serrada, apresentando mais de mil lâminas de matéria plástica de um reflexo poderosíssimo.

Para o Cinerama, a sincronização das projeções e das pistas sonoras é garantida por um técnico que, instalado em sua cabine de controle disposta na sala, pode acelerar ou reduzir a cadência das projeções e regular o volume dos efeitos sonoros. Uma pista sonora alimenta os alti-falantes do recinto, distribuídos pela sala, e as cinco outras pistas estão ligadas a cinco grupos, colocados atrás da tela, sendo que a última serve para o controle técnico.

O alto custo do Cinerama é que vem retardando sua disseminação no mundo. E' de notar-se, por exemplo, que até agora, mais de sete anos depois de seu aparecimento, só existem pouco mais de vinte salas dotadas de Cinerama em todo o mundo.

O sistema Cinerama apresenta efeitos extraordinários, especialmente quando as cenas são de veículos em movimento (aviões, automóveis helicópteros, "montanha russa", etc.).

O efeito estereoscópico criado pelo movimento é ainda mais aumentado pelo efeito produzido por uma tela cilíndrica, que envolve grande parte dos espectadores mais de um terço do horizonte. A estereofonia dos alti-falantes acentua ainda mais a sensação de presença, dando ao público a impressão de estar no meio dos acontecimentos, e não à frente das cenas, como ocorre com o processo comum do cinema padrão.

E' de esperar-se que, no futuro, o Cinerama conquiste ainda maiores perfeições, passando do processo de três projetores a um só projetor, dotado de uma objetiva anamórfica especial. Até lá, deliciemo-nos com as espetaculosas sensações de um divertimento novo e envolvente, que o Cinerama atual nos pode proporcionar.

(1) O processo de Hipergonar é firmado num sistema ótico chamado anamorfose, já conhecido dos chineses e, mais tarde, na Renascença, empregado normalmente, em especial por Da Vinci. (Lembreto-ns, o título de curiosidade, o que nos é dado ver nas feiras e circos de cavalinhos: os espelhos deformantes que alteram a nossa imagem de formas as mais diversas; isso é a anamorfose, base do Cinemascópio, quer dizer, a compressão da imagem em sua largura, para apanhá-la, e sua soltura às disposições normais, ao projetá-la. Não precisamos falar dos inconvenientes de tal processo, que isso não nos preocupa aqui). Ao processo deformante-reformante do Cinemascópio foi acrescido o som magnético, ou estereofônico, melhor dizendo, relêvo sonoro, também. (Cont. na pág. 17)



Foto da doca-de-cena do Cine Comodoro, em São Paulo, onde se exhibe atualmente, com invulgar sucesso, filmes feitos pelo processo Cinerama. Aberta a cortina, o espectador passa a "participar" das cenas projetadas em sua tela espetacular. Um espetáculo, notável.

tro de uma mesma cena por duas câmaras em ângulos diferentes cada uma, empregando-se para cada uma um determinado filtro; as variações de detalhes na projeção serão eliminadas, obtendo-se um sentido de relêvo com o emprêgo de lentes, sendo que para cada olho será usada a correspondente a cada um dos filtros. (Lembreto-ns do "Museu de Cera" e "Bwana, o diabo", em tre outras fitas aqui apresentadas por um desses dois sistemas: os resultados se apresentaram precários e, para o espectador, penosos). Contudo, acreditamos venha o relêvo, num futuro próximo, apresentar possibilidades admiráveis à nelhoria cada vez mais avançada da técnica da projeção cinematográfica.

pela primeira vez, foi levada a efeito em Nova York, a 30 de setembro de 1952, por seu inventor, Fred Waller. O "Broadway Theatre", onde foi apresentado, teve sua lotação tomada com uma antecedência de seis meses, tal o sucesso que alcançou o primeiro filme sob êsse processo e intitulado "This is Cinerama" — o qual, aliás foi sendo mostrado em São Paulo, no Cine Comodoro, o primeiro cinema dotado de projeção tríplice no Brasil e o segundo da América do Sul.

Retrocedamos um pouco e vamos encontrar o inventor americano Fred Waller como chefe dos efeitos fotográficos especiais dos estúdios da Paramount, na década de 30. Por volta de 1935, êle tentou sincronizar a ação de 11 câmaras, re-

Uma palavra de carinho

Orlando Maia, segundo ele mesmo diz, é do tempo em que se amarrava cachorro com língua. Do tempo em que os escassos progressos materiais, paradoxalmente, tornavam as coisas mais fáctis e a vida mais humana. Da época em que certos conceitos não se tinham desenvolvido tanto, a ponto de não mais poderem subsistir sem um símbolo de trabalho. Trabalho, era trabalho mesmo, e não somente emprég; um cidadão era simplesmente honesto, pois não existia, por desnecessário, o superlativo honestíssimo.

Orlando Maia, segundo ele mesmo diz, é deitado de pau-de-arara, barriga-verde de nascimento e carioca de coração. «seu» Maia mantém íntactas todas as virtudes com as quais o admitimos em 1927, na estreita e mansa rua General Câmara, aqui no Rio, hoje desaparecida, até o principal defeito: ele o conserva, e a gente não sabe se algum dia fez força para corrigi-lo: — normalmente, é meio gago, às vezes, se pihherianos que costuma chegar tarde ao serviço, é gago inteiro.

Com seus quase trinta e quatro anos de atividades funcionais interruptas, percorrendo o Brasil de cabo a rabo, entrevistando-se com governadores de Estado, prefeitos, altas patentes militares, donos de cinemas e de teatros; conhecendo pelo nome dezenas de gerentes, operadores, porteiros, lanterninhas e faxineiros de cinemas radadores, porteiros, lanterninhas e faxineiros de cinemas quem os interpreta com mais sentimento do que ele. Principalmente os reverses!

des. Vitórias e reverses, ninauguração do cinema, puxa! não tem conta as vezes que fez. E satisffeito, por terminar o serviço em ordem e... em tempo. E mais satisffeito ainda por encontrar, finalmente, chance para dor-mir um pouco, coisa que não

o exibidor

80 Especial - o capital da esperança

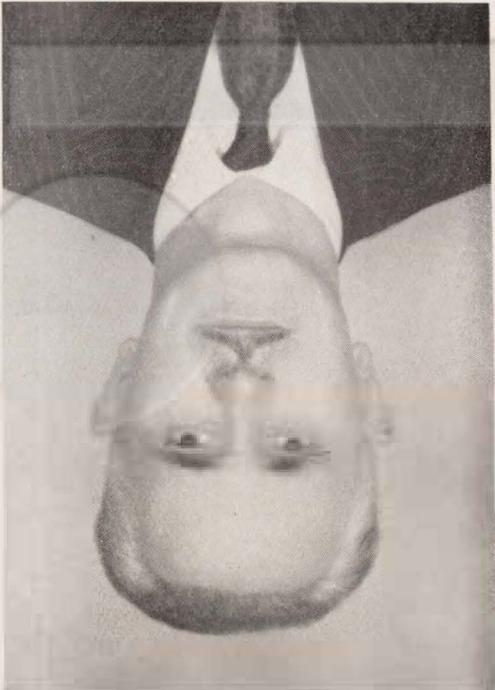
Direção e Propriedade:
IRIBARARA PETRONI
 Redação e Administração:
 Rua Bento Freitas, 281
SÃO PAULO
 Caixa Postal 1902 — São Paulo — Brasil

(2) Grimoin Sanson apresentou nessa exposição em Paris aquilo que ele denominou de *Cineorama* (note-se que a terminologia atual em quase nada difere do primeiro especulador do cinema). Para a exibição, ele fez os espectadores sentarem-se no centro de uma sala redonda, fazendo projetarem-se as imagens ao redor das paredes circulares, colocando seus projetores também em círculo, abateo do lugar ocupado pelos assistentes. (Saudou diz ter ele empregado dez câmaras para filmar, portanto dez projetores, contrariando outros, que dizem ter sido oito as câmaras). Ainda firmados em Sadou, esclarecemos que o *Cineorama* de Grimoin-Sanson só funcionou alguns dias, tendo sido suspenso pela polícia, sob a alegação de perigo de incêndio eventual. Essa ideia de Grimoin-Sanson só voltou à cena das experiências públicas em 1927, com Abel Gance, auxiliado por Debitre. Importa ressaltar que, antes de Grimoin-Sanson, Chase, nos Estados Unidos, havia tentado o panorâmico, mas não conseguira sair do fotográfico, isto é, o fixo (Chicago). Depois de Sanson, Lunière, em 1903, também fez o mesmo que Chase, com seu *Photorama*. Como vemos, o caminho era mesmo Grimoin-Sanson, a despeito da polícia... e de uma ligeira diferença: o espaço era cilíndrico, ao contrário do esférico, utilizado por Fred Waller.

Algumas palavras...

Algumas palavras... bem empregado por outros processos modernos, como o 3-D, o *Cineama*, etc.

Estas palavras não são, todavia, escritas com o objetivo de elogiar. Nem tanto de elogiar. De nós, Orlando Maia não precisa de elogio e nem pode até exigir, e com certeza jamais das de direitos, e que jamais dividimos da sua pureza de te lealdade, da sua pureza de propósitos, da sua extrema da dedicação. Que nós sabamos que, em toda a sua longa carreira de funcionário, não desistiu, por um momento sequer, a sua condição de empregado n.º 1 da Cia. P. Kasstrup, que ele viu engatinhar, que muitas vezes ajudou a sustentar no colo e que hoje continua recebendo toda a sua admirável colaboração. Mas, tudo isso, e muito mais do que isso, nós o sabemos. Sabemos e agradeçamos.



fazia há três ou quatro dias e noites seguidos. Houve também a vez em que se fez mais ligeiro e trabalhador, menos por dedicação do que por susto: é que o general-comandante o advertira seriamente de que ficaria preso por um mês inteiro, se não a prontasse para o dia seguinte, às quinze horas, as trezentas poltronas do auditório do quartel. Ao final, o serviço ficou pronto, ele não foi preso e recebeu um comovedor elogio. Aliás, sempre foi assim: sua folha de serviços e um rosário de elogios. Alguns escritos, outros verbais e, ainda outros, vamos dizer, simplesmente intencional, de manifestação silenciosa, mas de sentimento vibrante.



GOVÉRNO DO RIO GRANDE DO NORTE
COMISSÃO ESTADUAL DE TEATRO - CET
TEATRO "ALBERTO MARANHÃO" -- Natal

Of. N. 77/60

Natal, 29-4-1960

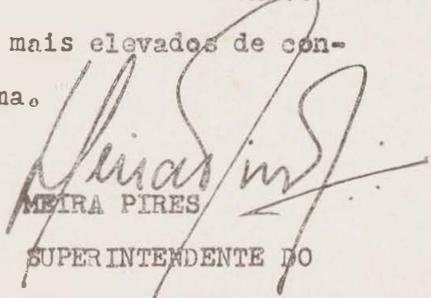
Senhor Diretor,

Por intermédio do presente e em nome do Teatro Alberto Maranhão, venho agradecer a maneira fidalga e corrêta com que a Cia. P. Kastrup agiu em relação à montagem das poltronas estofadas para esta casa de espetáculos. Os serviços foram caprichosamente executados e o mobiliário posto no auditório do Teatro somente contribuiu para embelezá-lo ainda mais.

Quero louvar, nesta oportunidade, os operários que do Recife vieram para efetuar a montagem das poltronas. Louvo-lhes à competência, a correção e a capacidade de trabalho. E tanto fiquei entusiasmado com os dois operários que aqui estiveram que deliberei expressar, por officio, êsse contentamento.

Quanto à Cia. P. Kastrup somente tenho palavras de agradecimento e gratidão pelo que proporcionou ao Teatro do qual sou o modesto Superintendente.

Sem outro assunto para o momento renovo a Vossa Senhoria os meus protestos mais elevados de consideração, aprêço e particular estima.


MEIRA PIRES

SUPERINTENDENTE DO
TEATRO ALBERTO MARA-
NHÃO - NATAL

Ao Ilustríssimo Senhor
Dr. Paulo P. Kastrup
Rio de Janeiro



Fazer amigos é o nosso principal objetivo.

Vender nossos produtos e continuar amigos

tem sido o nosso maior orgulho.

CIA. P. KASTRUP - Comércio e Indústria

RIO — S. PAULO — P. ALEGRE — BELO HORIZONTE — NITERÓI — GOIANIA — RECIFE — CARUARU

